

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**O DESENVOLVIMENTO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA A PARTIR  
DAS HISTÓRIAS VIVIDAS E A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA**

SILVA, Fabiana Melo da<sup>1</sup>

BRANDÃO, Jaqueline Gomes<sup>2</sup>

Orientadora: CHAPANSKI, Gissele<sup>3</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo esclarecer os principais aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança no Transtorno do Espectro Autista, expondo as dificuldades mais persistentes e emblemáticas nestes casos, dando ênfase na supremacia da família como instigadora e promotora de vivências que proporcionam à criança autista a manutenção e a instauração de novos aprendizados, ampliando dessa forma seu repertório cognitivo e de interação social, promovendo possíveis mudanças no comportamento a partir destas ações. Com a finalidade de trazer um exemplo vivo e atual que retrate essa realidade, este trabalho apresenta uma análise de excertos de uma entrevista semiestruturada, realizada com uma família com experiência e vivências relacionadas ao recebimento do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista e de todo processo de aceitação e adaptação decorrentes deste. A intenção que motiva essa busca é a de comparar os relatos da família escolhida com os conhecimentos teóricos de especialistas da área que respaldarão tais falas. Os relatos apresentados neste trabalho podem não representar de forma unânime as famílias, contudo certamente são fonte de dados relevantes e que se repetem no cotidiano de muitas. A relação coerente e simultânea entre a escola e a família como estruturas imprescindíveis que se complementam e favorecem a aprendizagem da criança, também será descrita neste estudo que tem como intuito expor a importância do estreitamento dessas relações. Dessa forma, este estudo expõe ações consideradas promissoras e determinantes para o desenvolvimento global da criança no Espectro Autista, atuando como ferramenta norteadora para famílias que se encontram nesta determinada circunstância.

**Palavras-chave:** Espectro Autista. Família. Histórias Vividas.

**1 INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

<sup>3</sup> Doutoranda em Letras pela UNICAMP. Especialista e Mestre em Linguística pela UFPR. Docente das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

O Transtorno do neurodesenvolvimento infantil, também denominado como Transtorno do Espectro Autista (TEA), manifesta-se por meio de algum nível de comprometimento no desempenho de funções referentes à linguagem e comunicação, no comportamento (geralmente estereotipado e com padrões repetitivos) e na interação social. O grau desse comprometimento é variável e, conseqüentemente, as peculiaridades de cada indivíduo, bem como o tratamento adequado para cada um, também se tornam variáveis e individualizados. As causas do TEA são múltiplas e quase sempre desconhecidas, pois descrevem um grupo heterogêneo de transtornos no neurodesenvolvimento que, apesar de muitas vezes mostrarem características semelhantes e estereotípicas, possuem origens diversas. Predominante no sexo masculino, (atingindo uma menina para quatro meninos), o Espectro Autista afeta cerca de 1% da população mundial.

Seu diagnóstico é bastante complexo e, usualmente, difícil de ser comunicado às famílias. Na maioria das vezes, não conta com qualquer exame clínico capaz de comprová-lo de modo categórico. Soma-se a isso o grande desconhecimento geral sobre esse assunto, que colabora para fazer do TEA uma realidade frequentemente pouco aceita pelas famílias. Percebe-se, portanto, nessa situação, uma grande necessidade de abordar tal fenômeno. E é por meio de trabalhos que esclareçam e desmistifiquem aspectos centrais do TEA e destaquem o papel determinante dos núcleos básicos de convivência no desenvolvimento das crianças dentro do espectro, que se pode levar famílias a compreenderem a importância do seu papel acolhedor. Só assim é possível fazer com que, de fato, haja uma atenção especial às necessidades dos indivíduos diagnosticados com TEA. Em tal contexto, esta pesquisa se justifica, uma vez que visará apresentar as peculiaridades do Transtorno do Espectro Autista.

A principal intenção do presente estudo é destacar o papel imprescindível e intransferível da família no processo de desenvolvimento da criança acometida com o Transtorno do Espectro Autista. Uma vez que a família é a primeira e principal entidade de apoio e encorajamento, sendo esta a responsável por transmitir à criança as primeiras aprendizagens e valores que permearão ao longo de sua vida. Dessa forma a família é considerada como eixo fundamental neste processo, apropriando-se do seu papel de aceitar, conhecer, aprender e adaptar seu modo de vida, oferecendo suporte em aspectos emocionais, afetivos e sociais, com a finalidade de favorecer o desenvolvimento da criança. Outro aspecto importante desta proposta de investigação é elucidar a importância de se fortalecer a relação entre família e escola, promovendo um trabalho conjunto dessas partes, de modo a apresentar possibilidades favoráveis ao desenvolvimento do autista.

Nessa mesma esfera de objetivos, destaca-se ainda a busca pelo resgate da normalidade da vida do autista, pois nota-se uma superproteção ao sujeito com TEA, decorrente da crença de que ele não é capaz de desenvolver-se e tornar-se autônomo. Infelizmente, esse excesso de proteção faz com que o indivíduo encontre-se, por vezes alheio à sociedade, limitando consideravelmente suas vivências e experiências, o que finda em um grande prejuízo em diversos aspectos relacionados ao seu desenvolvimento global. Nesta perspectiva, oferecem-se aqui, subsídios para a quebra deste paradigma, para que o Transtorno do Espectro Autista não se caracterize como limitador perpétuo, mas como uma condição mutável, onde o indivíduo é o protagonista que participa ativamente da construção de sua história.

Muitas vezes, inconscientemente a própria família coloca obstáculos ao autista que se tornam desfavoráveis a ele. Esse fato, ocorre por diversos motivos, desde o não saber lidar com a situação, até a uma superproteção pelos seus cuidadores, condutas geralmente permeadas por intenções positivas, mas que, por advirem da falta de conhecimento sobre questões decisivas da educação do autista, acabam por ser pouco frutíferas.

Diante disso, é fundamental viabilizar o fortalecimento de leitura das vivências das crianças com esse tipo de transtorno, bem como a liberdade e promoção de novas vivências para o seu aprendizado e desenvolvimento, levando em conta que elas também aprendem, desenvolvem-se e estabelecem conceitos sobre tudo aquilo que as rodeiam e que, de fato, elas o fazem, porém, em seu tempo e à sua maneira. Portanto, cabe aos profissionais docentes e famílias facilitarem este processo, selecionando e adaptando estratégias de acordo com as necessidades específicas do indivíduo, sendo fundamental que esse processo seja constante, árduo e incansável, sempre valorizando as vivências e possibilitando novas e construtivas experiências que contribuam para o desenvolvimento desses indivíduos.

O presente trabalho, busca ainda agregar reflexões exatamente a esse aspecto específico da educação das crianças com TEA, levantando situações e estratégias em que a interação com a família surge como interface fundamental ao desenvolvimento promovido no ambiente escolar.

Portanto, para responder esta problemática a pesquisa tem como objetivo geral analisar as mudanças no comportamento do sujeito diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista a partir da intervenção familiar, onde esta participe de forma mais efetiva, proporcionando ao autista, vivências que estimulem seu desenvolvimento e aprendizagem.

O trabalho traz uma breve contextualização do termo autismo, dando ênfase à contemporaneidade com a finalidade de expor as principais mudanças que houve desde seu

surgimento até a atualidade, para que dessa forma o leitor se situe na atual definição do Transtorno do Espectro Autista. Nesse sentido, é destacada nesta pesquisa a grande importância das histórias vividas pelo indivíduo diagnosticado com TEA, e de como estas vivências podem ser essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem do sujeito. Por fim, serão apresentadas possíveis mudanças no comportamento da criança autista por meio das aprendizagens adquiridas através das histórias vividas, salientando que estes progressos não são genéricos a todas as crianças acometidas pelo TEA, entretanto são observados em todos os indivíduos cuja intervenção familiar acontece de forma mais acertada e contínua, evidentes progressos que se apresentam de formas e em períodos distintos, contudo são sempre recebidos pelas famílias com grande apreço.

Este trabalho tem como metodologia a abordagem de pesquisa qualitativa, descritiva com recursos bibliográficos que respaldarão um relato. Dessa forma, o trabalho emprega a análise de excertos de uma entrevista semiestruturada, orientada por meio de um guia de perguntas, para ser conduzida de forma livre e espontânea, a fim de, trazer exemplos e vivências para dentro desta pesquisa. Conforme Flick (2013 p. 115), “os entrevistadores podem se desviar da sequência das perguntas. Eles também não ficam necessariamente presos à formulação inicial exata das perguntas quando as formulam.” Sendo assim, esta entrevista não tem fim de promover a função estatística com dados, mas de trazer um exemplo vivo, atual e próximo à realidade das autoras para dentro da pesquisa. Pode não representar a realidade unânime entre todas as famílias, porém com certeza é fonte de dados e experiências que se repetem e são emblemáticas das dificuldades e desafios vividos pelas famílias de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista.

Diante disso, foi realizada a busca por um relato, com a finalidade de analisar falas de uma família com experiência e vivências relacionadas ao recebimento do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista, bem como dos desafios que encontraram e que ainda encontrarão neste processo. O propósito que fomenta essa busca é o de comparar esses relatos com o conhecimento teórico apresentado neste trabalho, para que famílias que se encontram em situações semelhantes identifiquem-se e utilizem esse recurso como ferramenta norteadora em suas ações relacionadas a este tema.

O instrumento de pesquisa foi uma investigação não padronizada por meio de uma entrevista semiestruturada, com questões abertas pertinentes ao tema do trabalho, realizada pessoalmente na casa dos entrevistados, com o objetivo de que a família estivesse o mais confortável possível para compartilhar suas experiências. “As questões abertas devem permitir espaço para as visões específicas e pessoais dos entrevistados e também evitar

influenciá-los” (FLICK, 2013 p. 115). Mediante análise do relato, foram selecionadas algumas falas, e estas foram utilizadas em recortes, com respaldo teórico de autores da área. Esta entrevista constitui o *Apêndice I* deste artigo.

## **2 CONTEXTUALIZANDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA CONTEMPORANEIDADE**

De acordo com a última versão do Manual de Saúde Mental – DSM-V instaurada em maio de 2013, o Espectro Autista é considerado uma síndrome que engloba todos os distúrbios do autismo, o transtorno de Asperger, além de outros transtornos invasivos do desenvolvimento sem outra especificação. Segundo o médico neuropediatra Sérgio Antonio Antoniuk:

Transtorno do Espectro Autista (TEA) não é uma doença, é um Síndrome Clínico de causa biológica caracterizada por comprometimento em três domínios principais: dificuldade na interação social, linguagem e comunicação e comportamento (estereotipia, padrões repetitivos) (ANTONIUK, 2017, p. 48).

Neste contexto, torna-se fundamental diferenciar o Transtorno do Espectro Autista de outras psicoses que acometem a infância. Embora o cenário contemporâneo já tenha derrubado as hipóteses dessa ordem, tais transtornos foram, por muito tempo associados à esquizofrenia. Eugen Bleuler, psiquiatra alemão influenciado pelas ideias freudianas, utilizou em 1911 o termo *autismo* para fazer referência a um sintoma característico da esquizofrenia. Para este autor, o autismo era considerado uma perda parcial do contato com a realidade devido às dificuldades nas relações interpessoais. Nele, o indivíduo vivenciaria duas realidades distintas, a consensual e a imaginária (QUINET, 1999).

Em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner estudou crianças que apresentavam dificuldades de relacionamento, comportamentos repetitivos e resistência para aceitar variações do ambiente. Em sua pesquisa, realizada nos Estados Unidos, Kanner diferenciou o autismo das demais psicoses conhecidas da infância, sendo então o autismo considerado quadro clínico específico. Em decorrência à sua pesquisa, o psiquiatra fomentou uma nova discussão que perdura na atualidade, que busca conhecer a etiologia desta patologia, apontando, naquele momento, fatores emocionais e características familiares como principais precipitadores do transtorno. Deste modo, fundamentou-se que uma relação afetiva inadequada com a mãe poderia ocasionar profundas distorções no desenvolvimento psicoafetivo da criança. Apesar de haver feito referências a estas hipóteses, Kanner tampouco

descartava que fatores biológicos subjacentes da criança também poderiam ser determinantes nos casos de autismo (KANNER, 1943 *apud* DIAS, 2006).

Na atualidade, fatores como características familiares ou emocionais já foram refutados. Estudos recentes apontam que as causas do Transtorno do Espectro Autista são de ordem biológica, pois descrevem um grupo heterogêneo de transtornos de neurodesenvolvimento que, mesmo apresentando características semelhantes e estereotipadas, possuem origens diversas. Nesse sentido, Antoniuk ressalta que:

O seu início ocorre durante o período de máximo desenvolvimento cerebral, antes dos 3 anos de idade, o grau do comprometimento é variável, desde um quadro com funções cognitivas normais até outro de extrema gravidade. As causas são múltiplas e frequentemente desconhecidas (ANTONIUK, 2017, p. 48).

Apesar das muitas pesquisas relacionadas ao TEA, não existe, até o momento, uma causa específica que determine o surgimento do Espectro Autista na criança. Como destacado anteriormente, estima-se que haja quatro vezes mais diagnósticos em meninos do que em meninas. No contexto atual, nota-se um grande aumento dos casos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista. Existem diversas hipóteses que explicam esse aumento considerável do TEA, desde uma melhor informação e conscientização sobre o transtorno, até uma expansão de critérios diagnósticos que facilitam o reconhecimento dele, passando pelo aumento real de casos, e pela instauração de diferentes metodologias de estudos acerca do tema (GENOTYPING, 2018).

Entretanto, para que seja feito o diagnóstico é imprescindível que o indivíduo apresente algumas características próprias do Espectro Autista. A psicóloga e diretora da Clínica Self, Maria Helena Jansen de Mello Keinert descreve esses atributos da seguinte forma:

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente (KEINERT, 2017, p. 27).

Nesse sentido, a gravidade desses sintomas pode variar de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido, com a personalidade e inclusive oscilar com o passar do tempo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Estas disfunções no Espectro Autista se apresentam de formas bem específicas em cada indivíduo, logo devem ser avaliadas de acordo com o comprometimento, extinguindo um padrão autístico generalizado.

### **3 A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS VIVIDAS E A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NESTAS: UMA QUESTÃO CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO ADEQUADO DO AUTISTA**

No Transtorno do Espectro Autista, ainda que desde o nascimento, na maioria das vezes, a criança apresenta reações distintas da maioria dos recém-nascidos, raramente os familiares percebem com clareza essas diferenças, pois a irritabilidade e as dificuldades na amamentação ou no sono também são percebidas em outros bebês. Normalmente os sintomas do TEA se evidenciam e conseqüentemente são de fato reconhecidos entre os 12 e 24 meses de vida da criança. Contudo, não se trata de um padrão necessário. Quando se apresentam de forma mais severa, podem ser observados inclusive antes dos 12 meses, assim como após os 24 meses, se forem mais tênues (KEINERT, 2017, p. 32).

De acordo com Keinert, uma vez que sintomas começam a se evidenciar, os pais passam a notar que há algo de diferente e que a criança não está se desenvolvendo como as demais. “Parece não se envolver, não ‘querer’ se aproximar das outras crianças, ou não fala como as outras, ou ainda, brinca de um jeito diferente da maioria das crianças de sua idade” (KEINERT, 2017, p. 14). É esse, quase sempre, o ponto de partida de muitas famílias na busca incansável de explicações que respondam o porquê dessas particularidades impressas na criança.

Outro fator determinante nestas situações é o ambiente escolar. Não é raro que as famílias matriculem a criança na escola na esperança de que ela aprenda com seus pares comportamentos esperados para sua faixa etária, seja por meio da interação, ou da imitação. Nesse contexto a escola normalmente concretiza as suspeitas da família, alertando para a necessidade de um olhar mais atento à criança, advertindo que determinados comportamentos são diferentes do padrão ou que o desenvolvimento não condiz com o esperado (KEINERT, 2017).

Nessa conjuntura, considerando as medidas que as famílias normalmente apresentam para lidar com estes fatos, foi realizada a busca por um relato. Como explicado no início deste trabalho, foram selecionados fragmentos da entrevista e estes serão analisados com respaldo teórico de diversos autores da área. A família escolhida para compartilhar suas experiências é composta pelos pais que serão identificados como D (pai) e K (mãe), e por seus dois filhos H e E. Sendo H, o filho mais velho, atualmente com três anos e meio e diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista há um ano aproximadamente.

Os pais entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando o uso do seu relato neste trabalho. Com propósito de enfatizar as falas selecionadas e diferenciá-las das citações dos autores que as respaldam, estas serão apresentadas em formatação diferenciada (itálico).

Partindo destas constatações, a família geralmente é orientada a procurar o pediatra, que indicará a necessidade do aprofundamento na investigação. Tal circunstância, também se fez presente na realidade da família citada neste trabalho. Na entrevista conduzida, essa questão evidencia-se na fala de K, uma jovem mãe que recebeu o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista de seu filho, quando ele tinha aproximadamente dois anos e meio de idade:

*[...] Fui chamada pela escola, pela pedagoga e a professora, pedindo pra eu ir atrás de um especialista, de algum médico, pra poder ver o porquê ele tinha atraso na fala, ele tinha comportamento de não aceitar ordens, você mandava ele sentar, mas ele não sentava, na hora da atividade ele não queria fazer, não queria interagir com as crianças, não chamava as professoras, então o principal divisor mesmo foi a escola.*

Desse modo, normalmente não tarda a chegada de um diagnóstico, e a partir daí é notório que aquela criança precisa de uma atenção e de um olhar diferenciado, pois geralmente, ela apresenta comportamentos diferentes do padrão e em diversos casos o desenvolvimento não está conforme o esperado para a faixa etária em que se encontra. Contudo, a constatação de que algo não vai bem, ou de que algo foge da normalidade, é quase sempre recebida pela família com um grande pesar e, por vezes, até mesmo com certa rejeição, não pela carência de laços afetivos entre os integrantes da família, senão pela ansiedade gerada a partir da observação de que existe algo atípico na criança. Keinert ressalta que:

*Em muitos casos, infelizmente, os pais demonstram dificuldade em lidar com tal diagnóstico, e passam a procurar outros profissionais, na expectativa de receber outro posicionamento, o que retarda o início do tratamento. Algumas vezes procuram apenas um tratamento terapêutico geral, não específico para a necessidade da criança [...] (KEINERT, 2017, p. 15).*

Como mencionado, nota-se o despreparo da família ao receber o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. A falta de informação sobre o assunto dificulta e é determinante na forma em como a família receberá essa condição da criança. Essa realidade também se evidencia na fala de K, na qual ela relata que:

*Para mim foi difícil, agora eu já aprendi a lidar com tudo isso, que tem um processo, tem um amadurecimento, aí tem a questão do conhecimento que você vai buscar, mas na época eu era totalmente leiga no assunto. Então muito antes de ouvir*

*o que era a questão do comportamento, você ficava poxa! Mas porquê que o meu filho age dessa maneira? O que está acontecendo? Será que a culpa é nossa? Será que a gente não estimula a fala? Será que a gente não está dando estímulo suficiente? Será que a gente não “tá” repreendendo suficiente? Não “tá” educando suficiente? Você acaba assumindo uma culpa que não é sua. Você “tá” fazendo a tua função, mas são coisas que fogem do seu alcance. Então assim pra mim era bem triste! Eu ficava arrasada! [...].*

Em tais circunstâncias, Brito ressalta que: “neste momento, os pais começam a vivenciar uma forma de luto. Todas as expectativas, todos os planos, todos os sonhos, foram frustrados por um diagnóstico que os pais não esperavam, que não sabem de onde vem e nem para onde conduzirá o desenvolvimento dessa criança” (BRITO, 2017, p. 24). Sendo assim, se torna fundamental que a família inteira esteja preparada para receber o diagnóstico tornando-se capaz de digerir essas informações e agir com a criança de forma mais acertada. Os pais e irmãos jamais devem ser esquecidos ou tratados com descuido. Igualmente à criança com TEA, os familiares também necessitam de apoio, ajuda e, sobretudo, orientações de como lidar com os comportamentos apresentados pela criança.

A primeira finalidade da criação de uma estrutura informacional e de suporte psicossocial adequada é a de preservar o bem-estar familiar de forma global, a partir da paciência, da tolerância e da coerência entre todos ali envolvidos. Porém, a importância de tal estrutura se estende além disso. Uma adaptação adequada da família a esta nova realidade que vivencia, pode auxiliá-la a adotar novos comportamentos que diminuam os conflitos, reduzindo, assim, problemas na comunicação e comportamentais da criança, conseqüentemente minimizando a frustração de todos os envolvidos no processo e otimizando o desenvolvimento do autista.

Como assinala Keinert, a criança em foco não é apenas uma pessoa presa no espectro autista. A autora salienta que, como todas as outras pessoas, aquela criança necessita de cuidados, compreensão e carinho; que, como as demais crianças, ela necessita da assistência de um adulto para mediar seus conhecimentos e aprendizagens, mesmo que ela processe esses mecanismos de forma distinta ou atípica. Nesse sentido, a estudiosa incentiva os pais e familiares a “buscar recursos novos, utilizar muita criatividade e, principalmente, aprender com a criança como ela aprende” (KEINERT, 2017 p. 349). Não é incomum que a família encontre algumas dificuldades para adaptar todos os seus integrantes a essa nova forma de interagir com a criança com o Espectro Autista, no entanto, Brito (2017) ressalta que a intervenção realizada de maneira precoce, com certeza, favorece, de forma notória, o desenvolvimento da criança, o que fará grande diferença para sua vida e para a vida da família.

Como já mencionado, a comunicação social recíproca e a interação se apresentam com comprometimentos persistentes nas crianças com TEA, limitando e prejudicando suas atividades funcionais diárias. A intervenção da família nesses casos provoca grandes mudanças no desenvolvimento da criança, porque atua como agente motivador, criando situações favoráveis à ampliação do repertório de comportamentos da criança (BRITO, 2017). As intervenções geralmente ocorrem através da interação, ou seja, por meio da troca de experiências entre os envolvidos no processo, e é a partir dessas vivências que a criança estará exposta a novas experiências, conseqüentemente a novas aprendizagens.

Almeida afirma que, “entende-se o aprender como um processo de construção do indivíduo que envolve mudança de comportamento por meio das experiências vividas durante toda a vida [...]” (ALMEIDA, 2017 p. 67). Considerando que o processo de aprender perdura durante toda a existência do indivíduo, esse conjunto de trocas entre os familiares requer continuidade e permanência, envolvendo aquele que aprende e o que ensina. Estas vivências darão sustento para a formação intelectual, emocional e social da criança, tornando-se essenciais em seu desenvolvimento. Ao experimentar e interagir com o meio, a criança com espectro autista torna-se um ser ativo, capaz de superar possíveis desafios e sucessivamente conquistar seu espaço e autonomia. E, sem dúvidas, o primeiro ambiente em que modelos diversos de interação se dão, é o familiar. Do mesmo modo, é imersa nesse ambiente que a criança costuma passar grande parte das horas do seu dia. Logo, tanto qualitativa, quanto quantitativamente à exposição a um ambiente familiar preparado para fornecer o suporte adequado à formação, à exploração e ao processamento de um repertório de experiências, é fundamental à otimização dos aprendizados do autista.

Sem dúvidas, os desafios para desenvolver, compreender e manter essas relações devem ser levados em consideração. Com frequência, pode haver uma redução, ou até mesmo ausência, no interesse social, que podem estar relacionadas à falta de interesse a um determinado assunto ou a abordagens inadequadas. Como o Transtorno do Espectro Autista também é definido por padrões restritos de comportamentos, interesses ou atividades, não é, pois, incomum que a criança demonstre aparente apatia ante certos temas e atividades. Nesse contexto deve-se conhecer os interesses da criança e, através destes, elaborar atividades que sejam mais atrativas para ela é fundamental. Keinert, nesse aspecto, sustenta que:

Através de um interesse por música, podem-se desenvolver técnicas para adquirir novos comportamentos ou aprendizagens, utilizando a música como mediadora. Da mesma forma, uma habilidade motora fina poderá servir para, através de atividades motivadoras, serem introduzidos novos conceitos e aprendizagens (KEINERT, 2017 p. 66).

A capacidade de planejar, adaptar e reinventar atividades e vivências, tornando-as atrativas e funcionais deve ser uma das características da família que promove avanços no desenvolvimento da criança com espectro autista, como mencionado anteriormente, abordagens inadequadas podem arruinar uma promissora experiência.

Nesse sentido, uma abordagem profícua pode ser observada na entrevista empregada como fonte de exemplos para análise, neste trabalho. K, a mãe relatante, ressalta que o Transtorno do Espectro Autista deve sempre ser levado em consideração nas tomadas de decisões relacionadas à criança, contudo insiste que essa condição autística não deve definir quem a criança é e tampouco determinar limitações perpétuas em sua vida. Nessa conjuntura, ela reforça a importância da função da família atuante, que impulsiona a criança a organizar-se e desenvolver-se. Ao tecer observações sobre os processos de cognição de seu filho, a mãe relatante destaca que:

*Foi uma das primeiras reflexões que eu li, inclusive, sobre o que é o autismo? O cérebro dele recebe e processa as informações diferente de outras pessoas. Eu pensei, nossa é só isso!? É isso o que é o autismo? [...] Isso não é nada, isso a gente vai trabalhar, isso aí a gente vai tratar, isso aí tem como desenvolver. [...] Então com a ajuda de profissionais e em casa, porque eles capacitam a gente também, eles nos orientam como a gente deve agir. Todo mundo fala a mesma linguagem, o que eles falam lá, a gente fala em casa pra padronizar. Pra não confundir, porque autismo ele é muito a questão de padrões de repetição, então o que eles fazem lá, a gente faz aqui e isso acaba dando certo. É só questão de como a gente vai ensinar uma coisa pra ele [...]*

Escolher os estímulos de maneira acertada pode favorecer o processo de aprendizagem e simultaneamente estimular o desejo de vivenciar novas experiências posteriormente. De acordo com Barbosa, “as experiências deixam marcas de desejos, alcançados ou não, em seu inconsciente, o que provoca o aparecimento de fantasias em novas situações que, por algum motivo, lembrem as já vividas [...]” (BARBOSA; SOUSA, 2010, p. 23). As vivências das crianças com o espectro autista trazem em si muito mais do que se pode ver naquele momento, o relacionar-se em atividades do dia a dia e até mesmo o brincar, mobiliza nelas emoções e sentimentos com aquele que interage e também consigo mesmo, estabelecendo conceitos, criando e recriando elaborações simbólicas a partir de suas próprias experiências. Sendo assim, é fundamental que esses momentos não sejam desvalorizados ou banalizados, senão incentivados. Barbosa e Sousa afirmam que:

*Essas elaborações simbólicas são possíveis a partir de ações aparentemente muito simples, capazes de possibilitar ao aprendiz experiências, verdadeiras sínteses, nas quais ele pode viver e fazer presente aquilo que está ausente, como brincar, ouvir histórias, jogar, representar por meio do desenho, sonhar e tantas outras que aparecem na história do ser humano (BARBOSA; SOUSA, 2010, p. 25).*

Estabelecer rotinas e padronizar comportamentos torna-se muito importante e essencial na funcionalidade da vida, da criança com TEA. No entanto, é necessário trabalhar a flexibilidade para que a criança desenvolva a autonomia e favorecer possibilidades para ela tomar decisões nas mais diversas situações de sua vida, a fim de que ela entenda seu papel como sujeito ativo no meio em que está inserida e que, quando necessário, tenha recursos próprios para solucionar os eventuais problemas que possam surgir. Em relação às dificuldades, via-de-regra extinguir o problema não se torna produtivo para o desenvolvimento da criança. Mais vale dar assistência para que ela os resolva. Estas considerações também são lembradas no relato dos pais do H, quando mencionam que em casa o filho não desfruta de um tratamento privilegiado por sua condição autística, embora considerem as limitações de seu filho para tomar decisões e facilitar seu dia a dia, H é tratado como as demais crianças. Sobre esse aspecto D e K complementam que:

*[...] ele tem as limitações dele, mas não é nada que ele não consiga ultrapassar, então assim, não é o fim do mundo como a gente achava, não é nada que a gente não consiga dar conta e não é nada que a gente não consiga agir com naturalidade. Em casa ele é tratado como uma criança, e não como uma criança autista. Mas como uma criança, derrubou vai lá e junta, fez errado? Leva pito e pede desculpas. Ele tem que seguir as regras que qualquer criança segue, não pode bater, que não pode xingar, tudo normal. A gente repreende ele e a gente dá os limites pra ele. E não só dentro de casa, mas gostaríamos que também fora de casa ele fosse tratado como uma criança normal, é claro que ele tem suas limitações e isso tem que ser levado em consideração, mas não pode definir quem ele é, porque ele não é só isso.*

Nesse sentido, se almeja que a criança viva com naturalidade, encorajando a família e a escola a não reduzir o contexto do autista, mas sim propiciar apoios para ampliar contextos e vivências.

#### **4 A APRENDIZAGEM E A MUDANÇA DE COMPORTAMENTO A PARTIR DAS HISTÓRIAS VIVIDAS**

Considerada uma das funções mentais mais importantes do ser humano, a aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire competências, saberes, habilidades, valores e comportamentos. Esse processo ocorre, de maneira geral, por meio das experiências, ou seja, da interação do sujeito com o meio em que está inserido. Neste panorama todas as vivências contribuem para a construção e desenvolvimento pessoal, sendo esse processo contínuo e permanente, de forma que o indivíduo concomitantemente aumente seu grau de instrução, podendo assim estabelecer relações cognitivas mais ricas e complexas (HAMZE, 2017).

O processo de aprender geralmente traz consigo uma mudança na conduta do indivíduo, pois a aprendizagem possibilita uma nova percepção sobre algo, uma nova maneira de ver e entender tudo o que ocorre ao redor, ampliando e modificando o repertório cognitivo da pessoa que está experimentando essa nova experiência. Almeida (2017) ressalta que é fundamental promover vivências à criança com o Transtorno do Espectro Autista, a fim de estimular a aprendizagem e, conseqüentemente, alcançar mudanças em determinados comportamentos, ela explica esse processo da seguinte forma:

Entende-se o aprender como um processo de construção do indivíduo que envolve mudanças de comportamento por meio das experiências vividas durante toda a vida, constituído por fatores neurológicos, ambientais, emocionais e relacionais, inerente ao ser humano desde o nascimento. Pensando no indivíduo como um ser integral: físico, emocional, social e intelectual, consideramos esse processo contínuo e permanente, que inclui aquele que aprende e o que ensina num conjunto de trocas entre essas pessoas [...] (ALMEIDA, 2017, p. 67).

O desenvolvimento cognitivo depende de fatores biológicos, genéticos, neurológicos, ambientais, sociais e afetivos, que se articulam simultaneamente. Ao se falar em aprendizagem é importante considerar alguns aspectos que podem influenciar de forma positiva ou negativa esse processo, por exemplo a presença de algum tipo de deficiência, a situação socioeconômica do sujeito, os estímulos oferecidos ou a ausência deles e a situação familiar, são fundamentais para compreender e definir o verdadeiro potencial do indivíduo, bem como as melhores alternativas para promover esse desenvolvimento.

No processo de aprendizagem das crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista é imprescindível compreendê-las como seres únicos, avaliar suas capacidades e dificuldades de maneira individual, considerando os diferentes graus de comprometimento e funcionamento de cada uma. De acordo com Almeida, normalmente as dificuldades mais frequentes no processo de aprendizagem da criança autista, são as seguintes: dificuldade na imitação e imaginação, menor uso do pensamento simbólico ou brincadeiras de faz de conta, dificuldades no planejamento e execução de atividades, dificuldades de atenção, memória, organização e sequenciamento, por fim dificuldades quanto à abstração e entender “entre linhas” ou metáforas (ALMEIDA, 2017).

As dificuldades mencionadas acima produzem, quase sempre, um notável desconforto ao autista, o que acaba desestruturando-o uma vez que, por sua limitação na comunicação, não consegue expressar suas dificuldades, nem o que deseja e tampouco o que sente. Geralmente, esse desconforto se manifesta através de comportamentos disruptivos, ou seja, comportamentos inadequados que interferem na interação social, na realização de atividades e aprendizagens e também podem envolver agressividade física ou verbal. Os comportamentos

disruptivos também se manifestam quando o indivíduo se encontra sem direcionamento, a criança com Espectro Autista pode facilmente desorganizar-se quando não sabe o que fazer ou quando não sabe o que se espera dela. Nesse sentido o indivíduo no TEA funciona e desenvolve-se melhor em atividades dirigidas. Essas características se evidenciam nas palavras da psicóloga Keinert:

[...] muitos dos comportamentos inadequados ocorrem por falta de comunicação, ou seja, quando o indivíduo no ESPECTRO AUTISTA não consegue comunicar o que deseja ou o que sente. Outra causa comum de manifestação de comportamentos inadequados e/ou disruptivos é a falta de atividades dirigidas (KEINERT, 2017, p. 351).

Nesta conjuntura verifica-se a necessidade de oferecer uma rotina adequada, na qual a criança facilmente visualize e compreenda cada atividade do dia, sentindo-se mais segura para realizá-las, minimizando comportamentos indesejados. Como mencionado anteriormente, é importante que essa rotina seja flexível, que esteja em constante manutenção, ampliando o repertório de atividades e mingando a rotina engessada. Proporcionar novas vivências e experiências à criança com Espectro Autista significa promover novas possibilidades de aprendizagens, produzindo mudanças na forma em como ela vê o mundo, bem como na forma em como ela se vê e se comporta nele, tonando-se um indivíduo que participe de forma ativa e dinâmica nesse entorno, como sujeito que dá e recebe.

As mudanças na percepção de si, do outro e do mundo trazem uma notável mudança no comportamento e um despertar ao desejo de aprender, é essencial que a família perceba a potencialidade da criança autista, que proporcionem a ela momentos prazerosos de aprendizagem sem temor. A família deve ser o alicerce mais importante no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, pois entre estes existe uma relação íntima e profunda que inibirá momentos de insegurança da criança com Espectro Autista. Sobre esse assunto Barbosa e Sousa ressaltam que:

A aprendizagem acontece onde há relação, relação de quem aprende com seu próprio conhecimento, com outras pessoas, com o mundo. Quando há um movimento interno a partir do vazio do não saber, com o desejo de preenchê-lo, estamos num campo em que qualquer um pode aprender e qualquer um pode ensinar. (BARBOSA; SOUSA, 2010, P. 69).

Comportamentos inadequados fazem parte da infância de qualquer criança em pleno desenvolvimento global. Nas crianças autistas esses comportamentos se evidenciam ainda mais e, como resultado, não é raro que as famílias se sintam impotentes e, até mesmo, temerosas a inserir novas atividades na rotina da criança, com receio de sobrecarregá-las e conseqüentemente trazer à tona comportamentos indesejáveis. Esse receio de proporcionar

experiências e de levar a criança autista a novos ambientes se mostra na fala de K ao citar situações corriqueiras em que ela se sentia impotente em relação ao comportamento de seu filho H,

*[...] era muito difícil sair com ele. Eu tinha pavor de ficar sozinha com ele porque ele chorava o tempo todo e fora o cuidado extremo. Porque a gente é mãe de primeira viagem, tinha essa questão de ele chorar muito, eu não conseguia ir ao banheiro, eu não conseguia comer, eu não conseguia parar e ter um tempo de refeição para mim. Então eu ia todo dia para a casa da minha mãe, para ela me ajudar com ele, porque sozinha eu não dava conta, então assim, conforme ele foi crescendo a gente começou a perceber outros padrões, por exemplo, a gente descia para brincar com ele no condomínio, tinha uma rodinha de crianças e ele chegava olhava o que elas estavam fazendo e ia brincar sozinho [...].*

Contudo é importante que a família não extinga esses comportamentos, mas ajude e dê suporte para que a criança com Espectro Autista aprenda a resolver esses conflitos e que, a partir disso, tenha acesso a uma infinidade de possibilidades para aprender e se desenvolver dentro de suas possibilidades. Essa situação mostra-se na fala de Almeida:

Devemos então compreender que todas as crianças apresentam potencial dentro de suas limitações, algumas dificuldades serão superadas e outras vão necessitar de mediação e adaptações, por isso, devemos estimular sempre, mas também respeitar o tempo e o potencial de aprendizagem de cada uma (ALMEIDA, 2017, p. 76).

A redução de comportamentos inadequados ocorrerá à medida que a criança entenda o que ocorre no ambiente, bem como qual é seu papel nele. Para obter sucesso e manter os comportamentos desejados é de suma importância que a família responda a estes comportamentos de forma positiva, ou seja, mostrar à criança que aquela atitude é boa e que alegra a todos, reconhecendo seus esforços e comemorando com ela cada conquista, mesmo que pequena. A criança precisa saber claramente que fez algo bom, precisa provar esse sentimento de reconhecimento e valorização. Keinert explica isso da seguinte forma: “Utilizar sempre reforçadores positivos, elogiar, demonstrar como ele conseguiu, mesmo que apenas tenha dado um único passo em direção ao objetivo final. Valorizar os acertos e nunca os erros.” (KEINERT, 2017 p. 349).

A motivação é um elemento primordial para a aprendizagem e deve sempre ser lembrada por aqueles que acompanham os progressos feitos pela criança com Transtorno do Espectro Autista, a fim de que ela não somente vivencie novas experiências, mas que se apaixone por elas, que estas experiências toquem e mobilizem o aprendiz tornando-o autônomo, fomentador e protagonista de novas possibilidades.

A aprendizagem também se fará presente na escola, sobretudo em aspectos sociais e de reciprocidade. Indiscutivelmente a criança receberá incontáveis estímulos no ambiente escolar

e isso, certamente, é bastante favorável para seu desenvolvimento global. A escola é e sempre foi a entidade responsável por promover os saberes, é dever dela, instruir os educandos em suas trajetórias acadêmicas, entretanto é fundamental salientar que os educandos devem participar desse processo de forma ativa, como sujeitos críticos e produtivos, tal realidade não pode ser distinta às crianças autistas, torna-se imprescindível que estas tenham espaço e oportunidades para atuar como sujeitos ativos na articulação dos saberes. Sobre o papel do docente Freire (2018 p. 47) ressalta que deve-se, “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

No processo de ensino e aprendizagem das crianças no Espectro Autista há de se levar em consideração suas particularidades e possibilidades, com a finalidade de alcançar uma efetiva consolidação dos objetivos propostos. Consequentemente a possibilidade de um novo olhar do autista em relação a si e a tudo que o rodeia. Nesse sentido Chiote nos diz que:

As práticas realizadas na escola devem favorecer à criança com autismo novos modos de ser e de se constituir, abrindo caminho para possibilidades singulares de interagir com os outros e o mundo. A mediação pedagógica deve ser intencional, uma ação consciente de mediar e intervir (CHIOTE, 2011, p. 61).

As mudanças comportamentais decorrentes de ações pedagógicas acontecerão de forma progressiva e evidentemente cada criança levará determinado tempo e apresentará distintas dificuldades, também não se deve descartar a possibilidade da criança que responde de forma positiva a determinados estímulos, deixar de fazê-lo. Certamente não haverá ações universais destinadas às crianças no Espectro, entretanto há de haver um esforço e um olhar individualizado às necessidades e potencialidades de cada indivíduo. Dib fomenta essa perspectiva em sua fala:

Não existe receita para o sucesso em iniciativas educacionais. Cada caso é único, feito por pessoas singulares que trabalham muitas vezes por amor e por acreditarem que têm uma missão a ser cumprida. Mesmo assim, é importante e interessante observar como cada solução foi concretizada e conseguiu fazer microevoluções em sua própria realidade (DIB, 2014, p.28).

O trabalho pedagógico nesta perspectiva deve ser contínuo e cuidadosamente analisado, elaborado e executado de forma personalizada, a fim de promover evoluções significativas no desenvolvimento do autista, respeitando seu tempo e suas limitações, mas, sobretudo deve ser flexível e adaptável para que as intervenções estejam alinhadas ao potencial da criança e que evoluam de forma rítmica aos progressos já obtidos.

De maneira indubitável, a família e a escola devem caminhar juntas rumo aos mesmos objetivos por meio de uma estreita relação entre ambas. Os papéis inerentes à escola e à

família claramente são semelhantes, embora não sejam idênticos. Assim sendo, é imprescindível que estas entidades tão importantes para o desenvolvimento da criança no Transtorno do Espectro Autista interajam de maneira coerente e colaborativa entre si com o propósito de não prejudicar a criança com informações divergentes e confusas. Oliveira considera esta ação fundamental para a efetiva consolidação entre o trabalho da família junto à escola:

É importante que compreendamos o valor da família no processo de crescer, de aprender, de dar apoio a continuidade humana; no estado, não podemos esquecer que, necessariamente, a vivência familiar não traz apenas facilidades, acréscimos positivos, ao processo de crescimento dos seres humanos. Viver em família liberta e também aprisiona; faz crescer, mas também pode encarcerar o ser humano em círculos viciosos que, ao invés de promover ascensão a autonomia, submete-o a uma dependência que dificulta a descoberta de meios para administrar com eficiência o caminho para aprender, atuar e transformar o mundo (OLIVEIRA, 2011, p.81)

Nesta perspectiva quando a participação da família em relação ao trabalho pedagógico é feita de forma consciente e coerente os objetivos são alcançados em sua plenitude, com resultados frutíferos para todos os envolvidos neste processo, especialmente para a criança. Sobre esses avanços, D relata que os progressos alcançados por H são inquestionáveis e muito satisfatórios. Ademais desta observação, o pai menciona como é perceptível a evolução do filho, quando comparado a um colega de H, também diagnosticado com TEA, mas que não recebe estímulos diariamente:

*Ele tem outro amiguinho que é autista, esse amiguinho não chega nem a ir para a escola, tem a mesma idade, o grau é o mesmo (leve), por ele não "tá" indo pra escola, não recebe estímulos, nem estão indo atrás de uma terapia, está só sendo tratado com remédio para hiperatividade. Esses tempos eles se encontraram, e eles se desparelharam, o H que antes era igual a ele, está muito mais evoluído do que ele. Ele ficou naquela época, igual era H, o amiguinho ficou estagnado. É ruim a gente falar isso, mas a gente vê a evolução do H, mais nítida se comparado a ele.*

Dessa forma evidencia-se novamente a função essencial da família, pois advém desta a maior parte da motivação e incentivo para os processamentos e aplicações mais adequadas derivadas de experiências vividas anteriormente, uma vez que o processo de aprendizado já emana naturalmente da família que conhece mais profundamente a criança envolvida. No caso do autismo, o papel da família ganha especial destaque, visto que, por ser um padrão estatístico de comportamentos interacionais fora do usual, o autista pode esperar, sobretudo, e muitas vezes, apenas da família um procedimento mais dedicado e específico na vinculação de significados às práticas sociais básicas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Transtorno do Espectro Autista foi e permanece sendo um grande desafio não só para o sujeito autista, mas também para os familiares, educadores e todos os envolvidos no seu processo de desenvolvimento. Embora já alcançados grandes avanços no sentido de pesquisas que explicam e norteiam ações que favoreçam este processo, há de se percorrer, todavia, um longo percurso para que este tema seja conhecido e abordado de forma mais objetiva e apropriada por todos, a fim de proporcionar ao autista mais plenitude ao desenvolver-se.

Por meio deste estudo, se ressalta a emergente necessidade de que o Transtorno do Espectro Autista não seja entendido como um limitador perpétuo em relação ao desenvolvimento, senão como uma condição mutável. Dessa forma para que este processo aconteça é fundamental a apropriação integral desse conceito por parte da sociedade como um todo, sobretudo da família que é o principal núcleo de relevância da educação permanente da criança. A família também é, via-de-regra, a estrutura que oferece à criança matrizes afetivas mais fortes, plena confiança e segurança, por esse motivo é sem dúvida a propulsora mais efetiva para encorajar o autista a estabelecer vínculos com seu entorno. Como já dito, não há forma de promover vínculos e aprendizagens sem vivências, pois são estas que possibilitam à criança a interação por meio de trocas, motivando-a a experimentar novas práticas, com a finalidade de ampliar seu repertório de aprendizagem, favorecendo o esclarecimento de si, de seu papel e de seu entorno, em uma constante busca da autonomia de modo que este possa contribuir de forma ativa no meio social, e não como sujeito passivo e alheio à sociedade.

É fundamental destacar que as mudanças no comportamento da criança no Espectro Autista não ocorrerão de forma instantânea, tampouco existe uma fórmula que seja unânime para que estas mudanças ocorram, contudo há que se reforçar que é preciso uma constante dedicação ao desenvolvimento do autista, acompanhando minuciosamente seus progressos e valorizando cada passo dado rumo ao objetivo proposto, cada conquista deve ser levada em consideração, ainda que pequena.

Reforça-se, assim, o papel importante e crucial da família na manutenção e nos avanços em diversos aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança autista, entretanto também é dever de todos, parentes, amigos, educadores e etc., promover ao autista condições favoráveis ao seu desenvolvimento, em uma busca constante de integrá-lo efetivamente ao meio social em que está inserido. De certo que quando existe comprometimento, participação e colaboração por parte de todos, as possibilidades de consolidação do aprendizado e a instauração de novos processos se tornam muito mais atingíveis e frutíferas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mayara Izydoro de. Aprendizagem e autismo. In: KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello. **Transtornos do Espectro Autista**: tutorial para atividades do dia a dia. Curitiba: Íthala, 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais**: DSM 5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANTONIUK, Sérgio Antonio. Transtornos do espectro autista – classificação, epidemiologia, neurobiologia e etiologia. In: KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK, Sérgio Antonio. **Espectro autista**: O que é? O que fazer? 2. ed. Curitiba: Íthala, 2017.

BARBOSA, Laura Monte Serrat; SOUSA, Maria Silvia Todeschi de. Elaborações simbólicas por meio de histórias de vivemos. In: BARBOSA, Laura Monte Serrat; SOUSA, Maria Silvia Todeschi de. **Segredos do aprender**: a Psicopedagogia e as elaborações simbólicas. São José dos Campos: Pulso, 2010.

BARBOSA, Laura Monte Serrat; SOUSA, Maria Silvia Todeschi de. A especificidade da práxis psicopedagógica. In: BARBOSA, Laura Monte Serrat; SOUSA, Maria Silvia Todeschi de. **Segredos do aprender**: a Psicopedagogia e as elaborações simbólicas. São José dos Campos, SP: Pulso, 2010.

BRITO, Natalia César de. Do diagnóstico à intervenção: o percurso. In: KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello. **Transtornos do Espectro Autista**: tutorial para atividades do dia a dia. Curitiba: Íthala, 2017.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil**. Disponível em: <[http://dspace2.ufes.br/bitstream/10/2289/1/tese\\_5617\\_Fernanda%20de%20Araujo%20Binatti%20Chiotte.pdf](http://dspace2.ufes.br/bitstream/10/2289/1/tese_5617_Fernanda%20de%20Araujo%20Binatti%20Chiotte.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2018.

DIAS, Sandra. **Autismo Infantil**. Disponível em: [file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/Maira%20Badini%20Gomes%20da%20Silva%20Goncalves%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/Maira%20Badini%20Gomes%20da%20Silva%20Goncalves%20(1).pdf). Acesso em: 07 nov. 2018.

DIB, Caio. Capítulo. **Caindo no Brasil**: uma viagem pela diversidade da educação. São Paulo: Ed. do autor, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 56<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GENOTYPING. Diagnósticos Genéticos. **Autismo**: Transtorno afeta cerca de 1% da população mundial. Disponível em: <https://genotyping.com.br/autismo-transtorno-afeta-cerca-de-1-da-populacao-mundial/>. Acesso em: 21 set. 2018.

HAMZE, Amélia. Canal do educador. **O que é aprendizagem?** Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm> em: 12 out. 2018.

KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello. Avaliação e acompanhamento do desenvolvimento protocolo self. In: KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK, Sérgio Antonio. **Espectro autista: O que é? O que fazer?** 2. ed. Curitiba: Íthala, 2017.

KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello. Comportamentos disruptivos. In: KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK, Sérgio Antonio. **Espectro autista: O que é? O que fazer?** 2. ed. Curitiba: Íthala, 2017.

KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello. Diagnóstico. In: KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK, Sérgio Antonio. **Espectro autista: O que é? O que fazer?** 2. ed. Curitiba: Íthala, 2017.

KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello. Inclusão. In: KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK, Sérgio Antonio. **Espectro autista: O que é? O que fazer?** 2. ed. Curitiba: Íthala, 2017.

OLIVEIRA, Virgínia A. R. C. Fernandes. Uma conversa sobre familiar. In: BARBOSA, Laura Monte Serrat (Org.). **Avaliar para nós é...** Pinhais, PR: Melo, 2011.

QUINET, Antonio. A psicopatologia da esquizofrenia. In ALBERTI, Sonia (Org). **Autismo e esquisofrenia na clinica da esquizo.** Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999. p. 79-107.